

Prefácio – Doutor Rui Trindade

Esta é uma obra onde os testemunhos e as reflexões que aqui se partilham são, em primeiro lugar, um grito de esperança porque nos mostram o quanto todos nós beneficiamos quando somos capazes de escutar e de aprender com os outros e, concomitantemente, de sermos escutados ou de ensinar esses outros. No mundo dos Brexit e onde aprendemos a soletrar Donbass da pior forma possível, esta é, provavelmente, uma das lições mais significativas e valiosas que inspira as páginas deste livro.

Se aqueles e aquelas que participaram nas jornadas de mobilidade e de intercâmbio, sobre as quais refletem nos nove textos que se publicam neste trabalho, tomaram consciência do que diferencia uma escola dos concelhos de Braga e Guimarães de uma escola de Alborg ou de Split, também tiveram a oportunidade de compreender, certamente, aquilo que as pode irmanar. É o seu envolvimento na aventura humana, a qual só tem sido possível porque somos capazes de promover os atos educativos que a viabilizam, que aproxima, então, uma escola de Vieira do Minho ou de Cabeceiras de Basto de uma escola de Corfu ou de Berlim, anunciando-se, assim, a possibilidade de as distâncias entre Vizela, Póvoa de Lanhoso, Milão e Trnava poderem aproximar mais do afastar. É pela assunção de uma visão cosmopolita das diferenças entre Mondim de Basto, Famalicão, Calábria ou a ilha de Malta que se descobre, afinal, como estamos mais perto do que supúnhamos.

Creio que através dos textos que se publicam neste livro é possível compreender, igualmente, a dimensão formativa dos programas Erasmus + e a importância dos mesmos. A abertura ao mundo é, hoje, tão decisiva quanto necessária como experiência de formação quer porque pode suscitar interrogações e diálogo entre gente com experiências e saberes diversos, quer quando cada uma das pessoas que participa nesses encontros tem a possibilidade de se encontrar consigo mesmo e, de algum modo, de se redescobrir como pessoa e como profissional.

Num país, como Portugal, onde a depreciação do que se faz e do que se pensa parece continuar a um ser problema endógeno, este livro é, também, por isso, uma publicação que se saúda. O que temos entre mãos é um trabalho que envolveu uma Comunidade Intermunicipal, quatro Centros de Formação de Associação de Escolas, bem como dezanove agrupamentos ou escolas a estes associados que integram sete municípios do Norte de Portugal. Mostra-nos como a transição de uma perspetiva insular, que nos aprisiona na nossa autossu-

ficiência, para uma cultura de cooperação, que permite expor as nossas potencialidades, é não só uma necessidade como um imperativo. Daí a importância de conferir visibilidade e perpetuar, através da escrita, um projeto como este. Sendo um ato de generosidade, é, igualmente, um testemunho do que poderemos ser se houver apoio e estímulo para isso por parte da Comissão Europeia, do governo português e dos municípios, mas também um testemunho que comprova como a assunção das responsabilidades das escolas e dos seus docentes pode constituir uma mais valia educativa que importa valorizar.

Quase a comemorarmos 50 anos de vida política democrática, temos nesta obra mais uma manifestação da importância de um tal acontecimento. Para quem considera que a promessa do desenvolvimento falhou, temos os textos que integram este livro como a melhor resposta, mesmo que singela, de que temos de ser mais prudentes a anunciar os nossos insucessos como país e como povo. Certamente que os temos e não os podemos escamotear, ainda que seja necessário que tais insucessos nem ostracizem a importância desses sucessos, nem ignorem que a promessa do desenvolvimento, que não pode ser dissociada das preocupações com a equidade, nunca será uma promessa plenamente realizada. Exige uma labuta diária, perseverante e constante. Labuta esta que, como neste trabalho se demonstra, implica que se compreenda, tal como na canção se recorda, que quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Gondomar, 20 de junho de 2023

Rui Trindade